

O Nordeste (não) é longe daqui¹. Reflexões sobre a “invenção do nordeste” com
alunos da educação básica

Autor: Jônatas J. S. Santos

Co-autora: Ingrid Oliveira

Resumo

Pensar o Nordeste, como bem escreveu Durval Muniz de Albuquerque Júnior, é analisar, para além de uma olhadela no tecido retalhado da narrativa histórica, uma gama de discursos que tentam construir e avultar, num discurso institucional e legitimador, determinadas características para essa região. Assim, por meio do projeto PIBID - História UFC foi desenvolvida uma atividade de ensino/aprendizagem com alunos do ensino médio na escola Liceu de Messejana que discutisse a "invenção do Nordeste" na perspectiva utilizada pelo citado historiador. Ao partir de uma imagem estereotipada desta região, sobretudo do Ceará e do povo cearense, refletimos sobre os vários discursos que instituem uma determinada forma de ver e falar essa localidade e seus habitantes por meio de diversas linguagens que estão relacionadas em uma teia de relações de poder e sentido. Os alunos dialogaram com fontes variadas apresentadas pelos bolsistas, como literárias, ao ser analisada parte da obra de Rachel de Queiroz (O quinze), audiovisuais, longas-metragens (O alto da compadecida e A Lisbela e o prisioneiro), e musicais, sobretudo, a música Asa branca, considerada por alguns como "o hino do nordeste", de Luiz Gonzaga. Ademais, a atividade foi pensada em uma proposta interdisciplinar com os PIBIDS de História e Direitos Humanos e que, para tal, foram utilizadas como norteadoras as obras "A invenção do Nordeste e outras artes" e "A invenção do falo" do historiador Durval Muniz de Albuquerque Júnior, além de outras que nos auxiliaram a pensar a sua realização. Esta, não menos importante que outros fatores estudados neste artigo, é importante para pensarmos o saber histórico na sala de aula e qual tipo de relação deve ter o professor e o aluno, sendo seriamente aqui considerada a atitude teórico-metodológica que entenda o aluno como sujeito ativo no processo de ensino-aprendizagem.

Palavras-chave: Nordeste; invenção; representação; estereótipos.

¹ Título parafraseado a partir do livro “O Brasil não é longe daqui. O narrador, a viagem” de Flora Süssekind da editora Companhia das Letras, 1990.

Abstract

Think the Northeast, as well wrote Durval Muniz de Albuquerque Junior, is to analyze, in addition to a look at the shredded fabric of historical narrative, a range of discourses that attempt to build a loom, with institutional discourse and legitimating, certain characteristics for this region. Thus, through the project PIBID - UFC history was developed an activity of teaching / learning with middle school students in high school Liceu of Messejana, that discuss the "invention of the Northeast" in the perspective used by the historian quoted. From a stereotypical image of this region on, especially the people of Ceará, we reflect on the various discourses that establish a particular way of seeing and talking about this region and its inhabitants through many languages that are related in a web of relationships power and meaning. Students dialogued with varied sources presented by fellows such as literary, to be considered part of the work of Rachel de Queiroz (O Quinze – *The Fifteen*), audiovisual, feature films (O Auto da Compadecida e Lisbela e o Prisioneiro - *The novel of the compassionate and Lisbela and prisoner*), and musicals, especially the song Asa Branca, considered by some as the "hymn of the brazilian northeast", played by Luiz Gonzaga. Moreover, the activity was designed in a interdisciplinary approach with PIBIDs History and Human Rights and, to this end, as guiding we used the papers "The invention of the Northeast and other arts" and "The invention of the phallus", from historian Durval Muniz de Albuquerque Júnior, and others who have helped us to think about their achievement. This, no less important than other factors studied in this article, it is important to think about the construction of the historical knowledge in the classroom and what kind of relationship should be between the teacher and the student, being seriously considered here the theoretical and methodological attitude that understands students as subjects active in the process of teaching and learning.

Keywords: Brazilian Northeast; invention; representation; stereotype.

INTRODUÇÃO

Este artigo nasceu de uma atividade de ensino/aprendizagem de caráter interdisciplinar realizado por estudantes de História da Universidade Federal do Ceará em uma escola de ensino médio no segundo semestre de 2012, através dos PIBIDs (Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência) de História (O que é História) e Direitos Humanos (Gênero e sexualidade), os quais possibilitaram as contribuições necessárias à sua realização e sem os quais ela não seria possível.

A partir do planejamento de uma atividade que seria desenvolvida no ambiente escolar sobre o nordeste, nós, bolsistas dos PIBIDs, ao fazermos algumas leituras sobre essa região, decidimos utilizar dois livros de Durval Muniz de Albuquerque Júnior como obra básica de aporte teórico-metodológico para a discussão sobre identidade, memória regional e suas relações de poder. O primeiro livro escolhido foi “A invenção do nordeste e outras artes”, que nos possibilitou trabalhar e entender historicamente como os enunciados são selecionados para eleger modos de ver o nordeste como um “ser” que é costurado para tentar mostrar que tem desde sempre uma identidade própria. O outro livro, por sua vez, é “Nordestino: uma invenção do falo. Histórias sobre o gênero masculino”, que trata da invenção (Histórica e historiográfica), propagação (por meio de linguagens) e internalização (por parte de alguns sujeitos) de alguns estereótipos em torno do indivíduo nordestino-macho-pai d’égua-vaqueiro.

No âmbito da organização em sala de aula, como pensamos a atividade em uma proposta interdisciplinar, sua execução deveria ser bem planejada para não comprometer o horário e a participação dos próprios alunos que deveriam ajudar no seu desenvolvimento. Para isso, fizemos duplas de bolsistas que correspondiam a certo PIBID e que faziam a atividade com a outra dupla de PIBID diferente. Antes da consecução dessa atividade, os bolsistas (duas duplas totalizariam quatro estudantes por grupo na sala de aula no momento da realização da atividade) deveriam pensar em como seria sua atuação em sala, as ferramentas a serem utilizadas e a ordem de fala de cada um, assim como o limite de tempo que teria disponível. Portanto, depois de fazer todo esse planejamento fomos à prática.

O nosso objetivo inicial era partir do conhecimento e dos saberes dos alunos sobre a região que viviam e conheciam e, com isso, desenvolver problemáticas históricas que priorizassem o diálogo entre o bolsista e o aluno. Assim, elencamos algumas fontes que foram trabalhadas no livro pelo autor e discutimos sobre os seus meios de produção, de veiculação midiática e os sujeitos que estavam envolvidos nessa trama e, para isso, também levamos em grande consideração questões levantadas pelos próprios alunos.

Enfim, esperamos que este sucinto artigo contribua de forma a ajudar na construção crítica de narrativas em sala de aula e na desconstrução de preconceitos e estereótipos em torno da invenção do Nordeste. Boa Leitura.

NORDESTE COMO CRIADOR E CRIAÇÃO: AS ARTIMANHAS DO JOGO

Ao pensarmos o Nordeste como um substantivo masculino poderemos incorrer na simplificação de o entendermos apenas como um nome que representa um ponto de 45 graus do norte e do leste (HOLANDA, 1993) e, assim, chegarmos à rasa conclusão que ele denota apenas uma região que pode ser facilmente identificada ao visualizarmos um mapa de sub-regiões brasileiro.

Nordeste, como bem escreveu Durval Muniz de Albuquerque Júnior, em seu instigante livro “A invenção do Nordeste”, longe de ficar apenas na geofísica e política dessa região do Brasil, é analisado como um espaço que foi e é constantemente inventado, ou seja, que “não é recortado só como unidade econômica, política ou geográfica, mas, primordialmente, como um campo de estudos e produção cultural, baseado numa pseudo-unidade cultural, geográfica e étnica” (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2006, P.23). Para tanto, o escritor assume uma posição diferenciada ao estudar a história do nordeste diante de outras obras que dizem narrá-la ou contá-la verdadeiramente, como se o seu passado fosse sempre o mesmo, de forma contínua e idilicamente experienciada até o presente. Por isso utiliza-se do conceito de “invenção” e com isso dá a perceber sua atitude historiográfica frente ao caráter criativo e recriativo da História, pois o historiador, como um artista, cria/inventa uma interpretação histórica por meio de uma intriga/narrativa tal qual um tecido que é fabricado pelo seu artífice/artista e, assim, aparta-se de uma visão pretensamente cientificista de pensá-la e estudá-la, como esclarece:

O historiador conta uma história, narra; apenas não inventando os dados de suas histórias. Consultando arquivos, compila uma série de textos, leituras e imagens deixadas pelas gerações passadas, que, no entanto, são reescritos e revistos a partir dos problemas do presente e de novos pressupostos, o que termina transformando tais documentos em monumentos esculpidos pelo próprio historiador, ou seja, o dado não é dado, mas recriado pelo especialista em História (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2007, p.62).

Dessa forma, ao pensarmos a elaboração de uma atividade escolar, partimos da problematização dos significados da palavra nordeste em sala de aula com alunos do ensino médio da escola Liceu de Messejana, através dos PIBIDs (Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência) de História (O que é História) e História/Sociologia (Direitos

Humanos - Gênero e sexualidade), utilizando-nos dos livros “A invenção do nordeste” e “Nordestino: uma invenção do falo” de Albuquerque Júnior como bibliografia básica para a sua consecução. Para tal, desenvolvemo-la com uma proposta interdisciplinar, pois enquanto o primeiro trabalharia com a construção histórica da ideia de nordeste como criadora de enunciados e significados em torno de “uma identidade espacial, construída em um preciso momento histórico” (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2006, p. 22), entre as décadas de 1910 e 1920, e como criatura dessas relações de poder que produzem uma “vizibilidade e dizibilidade”² para esta região, o segundo abordaria questões de gênero (que também não deixam de ter sua historicidade e problematizações dentro de um espaço singular de significados e relações de poder). Como diz em um dos livros supracitados, “o gênero nem é natural, sendo uma criação histórica e cultural, nem está preso completamente a uma ordem dominante de prescrições” (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2003, p.26).

Durval Muniz ao lançar algumas perguntas no início de seu livro sobre a invenção do Nordeste, quais sejam, “o que é a região? Qual sua identidade? O que particulariza e individualiza o Nordeste?” (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2003, p.22), orientou-nos a seguir caminho semelhante na realização da atividade. Assim, iniciamo-la propondo algumas questões aos alunos, como: O que é o Nordeste para vocês? Como os nordestinos são caracterizados na mídia nacional? Quais imagens e sons tendem a representar essa região identificada amiúde com determinadas características inerentes à sua identidade regional? Destarte, logo que terminamos de fazer essas perguntas, muitos alunos e alunas responderam deliberadamente e deram a perceber que o faziam a partir de suas experiências cotidianas, ao se utilizarem da mídia televisiva, de redes sociais, de filmes e músicas que “cantavam” o nordeste³ e o expressavam como o do “lugar quente”, “do matuto”, “do Paraíba”, “do Luiz Gonzaga”, “do jumento”, “da seca”, “do vaqueiro”, representantes de uma visão tida como mais tradicional do Nordeste. No entanto, também houve os que citaram “as praias”, “o turismo”, “o sol”, “o humor” (as piadas) e diante de todo esse cabedal de informações trocadas entre alunos e bolsistas em sala de aula, percebemos que há discursos variados que atribuem características peculiares ao espaço chamado nordeste e aos filhos desse espaço chamados nordestinos. Em vista das respostas dos estudantes, passamos a atrair maior atenção da classe para a discussão proposta, pois como escreveu Furtado Filho, é importante “que se valorizem as informações prévias que

² Segundo Albuquerque Júnior “a própria ideia de Nordeste e nordestino impõe uma dada forma de abordagem imagética e discursiva, para falar e mostrar a “verdadeira” região”. Para os conceitos de vizibilidade e dizibilidade ver Gilles Deleuze, *Foucault*, e Michel Foucault, *A arqueologia do Saber*.

³ Todas essas formas de ver e dizer o Nordeste, p.ex. a “música nordestina”, serão mais bem trabalhadas na segunda parte deste artigo.

os estudantes tenham sobre determinado assunto e se discutam os meios pelos quais estas informações foram organizadas em uma atribuição de sentido” (FURTADO FILHO, 2008, p.300).

Albuquerque Júnior parte das problemáticas elencadas em sua obra e analisa alguns sujeitos que fazem parte desse dispositivo⁴ estratégico que designa as relações de poder e de sentido presentes na formação desse ideário nordestino. Pois a partir desses sujeitos, ele discute as diversas linguagens utilizadas na conformação dos discursos que são propagandeados e, por sua vez, estereotipados no imaginário nacional. Por isso, começamos por priorizar o que já era presente no imaginário dos alunos quando se referiam ao Nordeste, a sua região, ao espaço que viviam. E ao fazermos isso, vimos no ambiente da sala de aula que os discursos não apenas são produtos de um tempo e espaço singular, mas que também são interiorizados e reproduzidos pelos próprios sujeitos aos quais são destinados, como explicou o citado autor:

Definir a região é pensá-la como um grupo de enunciados e imagens que se repetem, com certa regularidade, em diferentes discursos, em diferentes épocas, com diferentes estilos e não pensá-la uma homogeneidade, uma identidade presente sempre na natureza(ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2006, p.24).

AS ANTINOMIAS DO ‘TOPOS’: ENTRE DISCURSOS E PRÁTICAS

Ao fazermos um diálogo com os estudantes, propomos uma atitude teórico-metodológica que levasse em consideração o aluno como um ser cognoscente/consciente e ativo no processo de aprendizagem e que se baseia numa “educação como prática da liberdade” e do livre pensar (FREIRE, 2007). Diante disso, problematizamos as respostas dos alunos e tentamos esclarecê-los quanto ao fato de elas fazerem parte de uma gama de significados e significantes que estão envoltos em relações poder, construindo juntamente com eles compreensões dos diversos modos de articulação que visa objetivos específicos, com vista a uma espécie de formação identitária regional e nacional, que criam imagens e ao mesmo tempo são criaturas delas, e relaciona linguagens e sujeitos que as propagam. Segundo Albuquerque Júnior, “a identidade nacional ou regional é uma construção mental, são conceitos sintéticos e abstratos que procuram dar conta de uma generalização intelectual” (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2006, p.27).

Nesse contexto, buscamos discutir essa ideia de identidade aproveitando muitas ideias elencadas pelos alunos, assim como trazidas previamente pelos próprios bolsistas, como, p.ex., a própria construção de sentido identitário em torno da “seca” no nordeste do

⁴ Ao seguir Foucault, Durval Muniz chama de dispositivo relações de força e de sentido, por ressaltar seu caráter estratégico. Ver FOUCAULT, Michel. *Microfísica do Poder*.

Brasil e, enfatizando a região cearense, escolhemos a literatura regionalista dos anos 30, sobretudo a escritora Rachel de Queiroz, como um dos ícones da literatura cearense que retratou a seca de 1915 em obra já clássica (QUEIROZ, 1948). Também fizemos essa atividade, como foi dito, a partir da interdisciplinaridade como um meio de melhor analisar o processo de como se deu a instituição da região Nordeste, tida não como uma essência que se vê sobrepujada ou iluminada por discursos que a informam e deformam, mas como um discurso regionalista que não mascara a verdade da região, mas que a institui. Para isso, discutindo possibilidades de trabalhar o subtema gênero nessa proposta, os bolsistas do PIBID Gênero UFC foram assaz importantes no desenrolar da atividade ao problematizar a ideia do cearense como o homem “macho”, “vaqueiro”, levantando, dessa forma, análises sobre a masculinidade do “homem do sertão”, como questões importantes que estão constantemente, como foi sugerido, no cotidiano dos alunos e sendo, por isso, imprescindíveis no diálogo escolar. Como escreveu Célia Maia Haasl em texto sobre interdisciplinaridade em Ivani Fazenda, *A Identidade, como narrativa de si*, traz uma proposta de discussão apoiada em possibilidades e probabilidade de execução (FAZENDA, 1994, p.5). Destarte, utilizando-nos do diálogo com os estudantes como ferramenta para pensarmos o ensino escolar e a relação professor-aluno, a relação interdisciplinar adotada em sala foi muito proveitosa como meio de execução, como considera Fazenda, “uma relação de reciprocidade, de mutualidade, que pressupõe uma atitude diferente a ser assumida frente ao problema do conhecimento, ou seja, é a substituição de uma concepção fragmentária para unitária do ser humano” (Idem).

A História, como as demais disciplinas, ao fazer parte de um sistema educacional e responsável por algumas demandas (ênfaticamente muitas vezes o seu lado contudístico) dos órgãos que gerenciam a educação nacional, muitas vezes tende a ser pensada como mero instrumento de transmissão de conhecimentos e gera nos alunos certo sentimento de distanciamento e descompromisso ao seu estudo. No entanto, ao pensar o nordeste como reflexão à História, fomos contra esses parâmetros que a empobrecem e a confinam a determinados assuntos e meios estáticos de estudá-la. Como disse a professora Selva Guimarães Fonseca, “a escola não só forma os indivíduos, mas produz saberes, produz uma cultura que penetra, participa, interfere e transforma a cultura da sociedade. Ou seja ela reproduz mas também produz conhecimentos e valores” (FONSECA, 2003). Em vista disso, buscamos construir e ao mesmo tempo desconstruir com os alunos do Liceu de Messejana novas formas de pensar a sua região (o nordeste em geral e o Ceará em particular) e “pensar historicamente” o lugar social do qual fazem parte.

Jörn Rüsen em texto sobre o ensino de História inicia fazendo uma pergunta fundamental ao historiador preocupado com o seu ofício, “o que é a aprendizagem histórica?” e de imediato responde ao dizer que “é a consciência humana relativa ao tempo, experimentando o tempo para ser significativa, adquirindo e desenvolvendo a competência para atribuir significado ao tempo” (RÜSEN, 2010, p.79). Mesmo sendo uma definição ampla, como dirá o autor, colocou-nos questões essenciais para pensarmos o modus operandi do profissional de História, pois nos alerta quanto ao fato de pensarmos a atividade discutida neste artigo levando em consideração questões da consciência histórica. E isso tem muitas relações com o pensar o Nordeste como um grupo de enunciados que relacionam sujeitos múltiplos e linguagens variadas, assim como suas interferências no tempo presente experimentado pelos alunos e os significados que eles atribuem-no a partir de disputas em torno de memórias que são selecionadas de acordo com certas expectativas de futuro (JEISMANN, 2010, P.79).

Nesse sentido, quando trabalhamos no ambiente escolar não podemos perder a dimensão que torna a história ímpar como uma ciência do tempo, isto é, que os sujeitos que a vivem também a constroem a partir de suas motivações individuais e coletivas e, dessa forma, mesmo que muitos não percebam, fazem parte do jogo de estratégias estudadas brilhantemente por Albuquerque Júnior no livro *A invenção do Nordeste*. A História passa a cumprir a função prática de orientação de sujeitos em tempos específicos (Idem). Por isso, quando estudamos e planejamos “ensinar” a pensar a história do nordeste de uma forma mais “histórica”, que leva em consideração a tensão e a problematização do tempo presente, pensamo-la considerando o desenrolar do diálogo apontado nos parágrafos iniciais com os estudantes.

Por fim, diante de algumas considerações a respeito do ensino de história, notadamente capítulos da história “nordestina”, reiteramos, como escreveram André Segal e Henri Moniot, que “ensinar história é também ensinar o método de trabalho do historiador” (SEGAL, 2008, p. 303). Por isso, preocupamo-nos em tentar esclarecer, não sabemos se ficou claro ao leitor menos atento, os meios que utilizamos na realização dessa atividade, como trabalhamos as ferramentas metodológicas nessa primeira parte e o uso de linguagens que nos auxiliaram na compreensão da disciplina histórica, no seu árduo trabalho de ensinar, aprender e apreender sobre os homens no(s) tempo(s) e no(s) espaço(s). Agora, permita-nos o leitor (a), abordaremos mais pormenorizadamente como se desenvolveu nossa prática/experiência em sala de aula.

O NORDESTE (DES) VELADO: ENTRE LETRAS E IMAGENS

Entre as ferramentas disponíveis ao trabalho do historiador utilizamos imagens, música e filmes, estes acompanhados das leituras base já aqui mencionadas, que contribuíram bastante para a interatividade com os alunos na medida em que problematizamos estes objetos em análise, a fim de que os alunos refletissem sobre “A invenção do Nordeste”.

Logo no início perguntamos a eles: Quando se fala em Nordeste, qual a imagem que lhes vem à mente? Dentre as primeiras e categóricas respostas: A seca, a fome, a miséria, calor, praias... Foram várias as respostas, mas não deixou dúvidas que a mais rápida e enfática foi a seca. A seca tem sido desde os anos 60 um dos principais símbolos do nordeste, imagem essa que é vendida pela literatura como O Quinze da Rachel de Queiroz, pela televisão através das novelas, músicas e até por nós mesmos.

É importante colocar que a partir da década de 60 o nordeste vai começar a vender essa imagem como forma de “denúncia” do abandono que sofriam por parte do governo em relação às demais regiões, a partir daí a seca como produtor de miséria nos pastos, onde o gado se alimenta do mandacaru e o seu dono foge da fome migrando para São Paulo, buscando “melhorar de vida”, configurando uma imagem de um Nordeste inventado, alicerçado por símbolos cristalizados ao longo do tempo.

Mas para além da mídia, dos livros e das composições musicais outro importante propagador do que é o nordeste, é o seu principal sujeito: O nordestino. Com base nisso também perguntamos aos alunos: Qual imagem que vocês têm do nordestino? As suas respostas foram semelhantes as do Google, um importante site de busca do qual revela em suas primeiras imagens, um nordestino sofrido, pobre, que vive na seca, veste calça de couro, acompanhado do chapéu de lampião, no cenário do sertão, possuidor de baixa estatura e precário nível de instrução.

Interessante é que depois de citar todas essas características, quando perguntados se eles se identificavam com aquelas imagens, os alunos prontamente responderam: NÃO.

O estereótipo nasce de uma caracterização grosseira e indiscriminada do grupo estranho, em que as multiplicidades e as diferenças individuais são apagadas, em nome de semelhanças superficiais do grupo (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2003, p.30).

Estas imagens apesar de muitas vezes não nos identificarmos com ela, é difícil pensarmos um nordestino culto, educado, rico, que veste a tendência da moda, escuta rock, fala corretamente o português... E essa dificuldade está ligado ao fato de nascermos dentro

deste discurso do nordestino vitimizado, envolto numa teia de símbolos e estereótipos cristalizados, impedindo que enxerguemos que está tudo muito junto e misturado, as divisões devem ter ênfase no campo territorial e não cultural.

Um outro elemento considerado muito presente entre os nordestinos é a religiosidade, a fé seria a geradora da força, da luta do sertanejo que espera ansiosamente, confiante em seu São José, pela chuva que há de regar sua terra. A ideia de religiosidade popular é defendida por vários autores, inclusive, um artigo sobre religiosidade e cangaço de Lemuel Rodrigues da Silva⁵ cita um autor chamado Beozzo (BEOZZO, 1982) que defende a religiosidade popular como um “patrimônio de classes sociais exploradas e oprimidas”. Segundo Lenel Rodrigues:

Tal afirmação demonstra um caráter preconceituoso, primeiro porque divide as crenças religiosas conforme a posição social do fiel. Sendo assim, as camadas mais pobres demonstram sua fé de uma maneira instintiva, fugindo às regras pré-estabelecidas pelo catolicismo oficial. Segundo porque apresenta um conceito de popular como algo que não representa a realidade do Brasil, tendo em vista um caráter mestiço da nossa gente e da nossa cultura⁶.

Ainda no campo das imagens, o PIBID de gênero e Direitos Humanos trabalhou a figura da mulher nordestina que geralmente aparece como uma guerreira, aquela que luta diariamente para cuidar dos vários filhos, que assume o papel da dona da casa porque o marido foi embora, da que não tem instrução nem vaidade, mas que é “arretada”, pois a vida que vive não lhe permite amolecer. Este é o quadro pintado das nordestinas, do qual a sua principal galeria são as novelas. Uma mulher rica, fina, renomada, sem filhos não combina com a imagem dessa mulher que todos já conhecem e aguardam assisti-la no papel que lhes cabe: a empregada doméstica que fala com um sotaque exagerado, mas que ajuda a compor os seus personagens no núcleo dos engraçados ou “palhaços”.

Enquanto isso, por mais que não nos identifiquemos com esse quadro, nós ajudamos mesmo sem perceber, a pintá-lo; esquecendo que ter mais ou menos sensibilidade, vaidade feminina, força, ou mesmo ser engraçada e “arretada” independe da região que se vive ou de que grupo pertença e sim da individualidade de cada um.

Quanto ao homem nordestino lhes é dado o título de “cabra-macho”, aquele que é autoridade máxima, que não chora, e é o provedor incondicional de sua casa. Neste momento da discussão, um aluno fez o seguinte comentário: “Professora o homem tem que

⁵Professor do Departamento de História da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN membro da Sociedade Brasileira de Estudos do Cangaço – SBEC.

⁶Conferência de abertura do I Cariri Cangaço, realizado no período de 22 a 27 de setembro de 2009, nascidades do Crato, Juazeiro, Barbalho e Missão Velha/CE. Pag. 3.

ser é assim mesmo, para poder ter respeito”. Baseando-se em Durval Muniz que nos fala: “O nordestino é uma figura que vem sendo desenhada e redesenhada por uma vasta produção cultural, desde o começo deste século. (...) Na região nordeste até as mulheres são macho, sim senhor!”(ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2003, p.20).

Tentamos explicar como essa imagem é construída historicamente, do homem detentor de respeito de tudo e de todos, visto na história como o principal pilar detentor de força, respeito e autoridade.

Após trabalharmos com as imagens, das quais nordestinos são representados, utilizamos a música Asa Branca do cantor Luiz Gonzaga:

Quando olhei a terra ardendo
Com a fogueira de São João
Eu perguntei a Deus do céu, ai
Por que tamanha judiação

Eu perguntei a Deus do céu, ai
Por que tamanha judiação

Que braseiro, que fornalha
Nem um pé de plantação
Por falta d'água perdi meu gado
Morreu de sede meu alazão

Por falta d'água perdi meu gado
Morreu de sede meu alazão

Até mesmo a asa branca
Bateu asas do sertão
Então eu disse, adeus Rosinha
Guarda contigo meu coração

Então eu disse, adeus Rosinha
Guarda contigo meu coração

Hoje longe, muitas léguas
Numa triste solidão
Espero a chuva cair de novo
Pra mim voltar pro meu sertão

Espero a chuva cair de novo
Pra mim voltar pro meu sertão

Quando o verde dos teus olhos
Se espalhar na plantação
Eu te asseguro não chore não, viu
Que eu voltarei, viu
Meu coração

Eu te asseguro não chore não, viu
Que eu voltarei, viu
Meu coração⁷

⁷ Ver Religiosidade e cangaço. Disponível em <http://sbecbr.files.wordpress.com/2010/05/cangac3a7o-e-religiosidade-no-nordeste-do-brasil.pdf> acesso em 12/04/2013

Este é considerado o hino do nordeste, não é a toa que causa emoção e suscita sentimentos de valorização a terra do sertão, castigada muitas vezes pela falta da chuva, mas abençoada por suas belezas naturais e o seu povo sempre carregado de esperança e fé. É importante atentar para o sentido estático que a música trás, é como se esse nordeste dos anos 80 fosse o mesmo dos 90, 2000, dos dias de hoje. Ainda é importante colocar que a história é movimento, se ela não se movimenta, ela não é história, é memória. E mesmo sabendo das mudanças que o nordeste passou nas últimas décadas, da pluralidade que é o nordeste; quando os estudantes cantaram essa música, percebemos que cantavam como se vivessem naquele nordeste cantado por Luiz Gonzaga, há mais de 20 anos, ou seja, como mais um símbolo que compõe a invenção deste nordeste.

Também trabalhamos com um trecho do filme do Auto da Compadecida de Ariano Suassuna, especificamente a parte do julgamento de João Grilo; naquele momento ele foi perdoado por ser vítima da sua própria condição social, a pobreza e a fome o colocam como um sujeito passivo da sua própria vida, e é assim que para alguns os nordestinos são tratados e nos tratamos como vítimas, como se a geografia do lugar determinasse o nosso estilo de vida, definindo desde o que comemos, vestimos, falamos e o que somos. No entanto, o nordeste é plural demais para juntar tudo num caldeirão de estereótipos resultantes de construções sociais e culturais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O Brasil possui cinco regiões, são elas: Norte, Nordeste, Sul, Sudeste e Centro-Oeste; mas apenas uma não é marcada por seu espaço e sim por seus sujeitos, são eles: Os nordestinos. Não existe “sulinos”, “nortinos” muito menos sudestinos, apenas NORDESTINOS.

É como se o Nordeste fosse um mundo a parte do Brasil, não é á toa que existe a comida nordestina, as músicas nordestinas, o artesanato nordestino... é uma infinidade de rótulos criados para separar o inseparável. Antes de cearenses, somos nordestinos, e antes de nordestinos, brasileiros e antes de brasileiros? Somos índio, negro e branco, uma mistura não só de cor, ou raça, mas de culturas, das quais mesmo com todos os etnocídios possíveis, tiveram que conviver e aprender uns com os outros, ainda que à base de guerras e entraves.

Séculos passaram e ainda falamos em “Nação Nordestina”, onde “curtimos” o nosso peculiar vocabulário regional e “comentamos” a beleza de nossas praias, das quais estampam o nosso cartão postal.

O Nordeste tem seca, fome, pobre, matuto, forró, humoristas e praias belas? Sim! Mas não somente, este foi um dos objetivos trabalhados com os alunos, apesar das desconstruções e construções que fizemos acerca do Nordeste, tivemos o cuidado de deixar claro que o Nordeste não é uma mentira, mas também não é uma única verdade.

Por isso, não podemos contribuir com o discurso de vitimização e inferiorização, pois:

Nós, os nordestinos, costumamos nos colocar como os constantemente derrotados, como o outro lado do poder do Sul, que nos oprime, discrimina e explora. Ora, não existe esta exterioridade às relações de poder que circulam no país, porque nós também estamos no poder, por isso devemos suspeitar que somos agentes de nossa própria discriminação, opressão ou exploração. Elas não são postas de fora, elas passam por nós (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2003, p.31).

BIBLIOGRAFIA

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. A invenção do Nordeste e outras artes. 3ed – Recife: FJN, Ed. Massangana; São Paulo: Cortez, 2006.

_____. Nordestino: uma invenção do falo. Uma história do gênero masculino (Nordeste – 1920/1940). Maceió: Edições Catavento, 2003.

_____. História: a arte de inventar o passado. Ensaios de teoria da história. – Bauru, SP: Edusp, 2007.

CAVALCANTE, Erika Derquiane. A identidade do ser mulher, mulher nordestina e suas sensibilidades. Filmes: “o auto da compadecida e Lisbela e o Prisioneiro”. Disponível em http://www.anpuhpb.org/anais_xiii_eeph/textos/ST%2008%20-%20Erika%20Derquiane%20Cavalcante%20TC.PDF acesso em 12/04/2013

FAZENDA, Ivani Catarina Arantes (Org.). Interdisciplinaridade: história, teoria e pesquisa. Campinas: Papirus, 1994. IN: HAASL, Célia Maria. A interdisciplinaridade em Ivani Fazenda: construção de uma atitude pedagógica. Cemoroc- Feusp / IJI-Universidade do Porto, 2011.

FILHO, João Ernani Furtado. História escolar: desafios e possibilidades. IN: Em tempo: História, Memória, Educação. Kênia Sousa Rios e João Ernani Furtado Filho [organizadores]. – Fortaleza: Imprensa Universitária, 2008.

FONSECA, Selva Guimarães. Didática e prática de ensino de História: Experiências, reflexões e aprendizados. – Campinas, SP: Papirus, 2003. – (Coleção Magistério: Formação e trabalho Pedagógico).

FREIRE, Paulo. Educação como Prática da Liberdade. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 30º Ed., 2007.

JEISMANN, Karl-Ernest. A didática de história: as condições específicas do campo de ensino de História. *IN*: RÜSEN, Jörn. Experiência, Interpretação, Orientação: as três dimensões da aprendizagem histórica. *IN*: Jörn Rösen e o ensino de História. Schmidt, Maria A.; Barca, Isabel; Martins, Estevão R. (Orgs.) – Curitiba: Ed. UFPR, 2010.

QUEIROZ, Rachel de. O Quinze. Rio de Janeiro, José Olímpio, 1948.

RÜSEN, Jörn. Experiência, Interpretação, Orientação: as três dimensões da aprendizagem histórica. *IN*: Jörn Rösen e o ensino de História. Schmidt, Maria A.; Barca, Isabel; Martins, Estevão R. (Orgs.) – Curitiba: Ed. UFPR, 2010.

SEGAL, André. “Por une didactique de La dure”. In: MONIOT, Henri. (Org.). Enseigner l’Histoire. Des manuels à la mémoire. Berna: Peter Lang Ed., 1984. Apud.

FILHO, João Ernani Furtado. . História escolar: desafios e possibilidades. *IN*: Em tempo: História, Memória, Educação. Kênia Sousa Rios e João Ernani Furtado Filho [organizadores]. – Fortaleza: Imprensa Universitária, 2008.